

REVISEA

REVISTA SERGIPANA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Educação ambiental e educação em saúde: sentidos e conexões do cuidado de si, com o outro e com a terra, na formação superior em psicologia

Environmental education and health education: meanings and connections of self-care, care for others, and care for the earth in higher education in psychology

Educación ambiental y educación en salud: sentidos y conexiones del cuidado de sí, con el otro y con la tierra en la formación superior en psicología

**Leonardo ROSAS¹
Laísa Maria FREIRE²**

Submetido em: 25/02/2025

Aceito em: 30/04/2025

Publicado em: 17/05/2025

RESUMO

O artigo investiga a inserção da Educação Ambiental na formação superior em Psicologia, analisando sua relação com o cuidado de si, com o outro e com a Terra. A pesquisa se desenvolve no curso de Psicologia da UNIFASE/RJ, problematizando como as práticas pedagógicas desse curso podem integrar a dimensão ambiental às questões de saúde humana e planetária. Fundamentado em teorias como o cuidado de si, de Foucault, e a alienação marxiana, o estudo aponta que a sociedade

¹ UFRJ.

² UFRJ.



capitalista contemporânea distancia os indivíduos de sua própria essência, comprometendo suas relações com os outros e com o meio ambiente. A metodologia baseia-se na análise de textos produzidos por estudantes ao longo do Programa Curricular de Educação Ambiental, buscando compreender os sentidos atribuídos ao cuidado. Os resultados indicam que os alunos desenvolveram maior consciência sobre a interdependência entre ambiente e saúde, percebendo a importância da atuação profissional crítica e interdisciplinar. Conclui-se que a inclusão da Educação Ambiental na formação em Psicologia amplia a compreensão do cuidado como prática ética e política, promovendo reflexões sobre sustentabilidade, justiça social e saúde coletiva.

Palavras-chave: Cuidado; Educação Ambiental; Formação em Psicologia.

ABSTRACT

The article investigates the integration of Environmental Education into higher education in Psychology, analyzing its relationship with self-care, care for others, and care for the Earth. The research takes place in the Psychology program at UNIFASE/RJ, questioning how the pedagogical practices of this course can incorporate the environmental dimension into human and planetary health issues. Based on theories such as Foucault's concept of self-care and Marxian alienation, the study highlights how contemporary capitalist society distances individuals from their own essence, affecting their relationships with others and the environment. The methodology is based on the analysis of texts produced by students throughout the Environmental Education Curricular Program, aiming to understand the meanings attributed to care. The results indicate that students develop a greater awareness of the interdependence between the environment and health, recognizing the importance of a critical and interdisciplinary professional approach. The article concludes that incorporating Environmental Education into Psychology training expands the understanding of care as an ethical and political practice, fostering reflections on sustainability, social justice, and public health.

Keywords: Care; Environmental Education; Psychology Training

RESUMEN

El artículo investiga la inserción de la Educación Ambiental en la formación superior en Psicología, analizando su relación con el cuidado de sí, del otro y de la Tierra. La investigación se desarrolla en el curso de Psicología de UNIFASE/RJ, problematizando cómo las prácticas pedagógicas de este curso pueden integrar la



dimensão ambiental em questões de saúde humana e planetária. Fundamentado em teorias como o cuidado de si, de Foucault, e a alienação marxista, o estudo aponta que a sociedade capitalista contemporânea afasta os indivíduos de sua própria essência, afetando suas relações com os outros e com o meio ambiente. A metodologia baseia-se na análise de textos produzidos por estudantes ao longo do Programa Curricular de Educação Ambiental, com o objetivo de compreender os significados atribuídos ao cuidado. Os resultados indicam que os alunos desenvolveram uma maior consciência sobre a interdependência entre o ambiente e a saúde, reconhecendo a importância de uma atuação profissional crítica e interdisciplinar. O artigo conclui que a inclusão da Educação Ambiental na formação em Psicologia amplia a compreensão do cuidado como uma prática ética e política, promovendo reflexões sobre sustentabilidade, justiça social e saúde coletiva.

Palavras chave: Cuidado; Educação Ambiental; Formação em Psicologia

1. CONTEXTO DE ESTUDO: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FORMAÇÃO SUPERIOR EM PSICOLOGIA

As sociedades contemporâneas têm vivido transformações profundas. Entendendo essas mudanças a partir do que temos caracterizado como modernidade líquida (Bauman, 2001), há deslocamentos no modo como nos relacionamos com o outro, no modo como interagimos com os ambientes naturais e construídos e como significamos a vida. A efemeridade e a liquidez passaram a ocupar posição central nas relações contemporâneas. No entanto, em um movimento ambivalente, há um debate crescente sobre as ameaças à continuidade da vida no planeta (Lima; Torres, 2021). Buscam-se alternativas seguras para enfrentar o colapso ambiental e estratégias individuais e coletivas para mitigar o rompimento dos limites planetários (Krenak, 2019). Tais fatores são elementos para entender a conjuntura e elaborar ações presentes e futuras para a manutenção da sociobiodiversidade no planeta, orientada por outros modos de ser e habitar o mundo. O que nos cabe fazer como professores, pesquisadores e educadores ambientais?



A Educação Ambiental consolidou-se no final do século XX na interseção entre as áreas educativa e ambiental, com políticas públicas, acordos internacionais e práticas que refletem sobre as relações entre humanidade, natureza e sociedade. Propõe superar matrizes capitalistas, extrativistas, antropocêntricas e patriarcais que estruturam as sociedades ocidentais.

A Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) (Brasil, 1999) determina a inserção da Educação Ambiental em todos os processos pedagógicos, incluindo escolas e universidades. Podendo ocorrer por meio de projetos de extensão (Juliani; Freire, 2016), disciplinas específicas (Figueroa-Figueiredo, Andrade, Freire, 2020) ou transversalmente no currículo. A Resolução Nº 2/2012 (Brasil, 2012) reforça sua presença nos projetos institucionais e pedagógicos. Este estudo problematiza a inclusão da Educação Ambiental na formação superior em Psicologia e investiga os significados dessa inserção para a formação de psicólogos(as).

Sabemos que o currículo é resultado de escolhas, ou seja, diante de um universo de possibilidades de conhecimentos, culturas e saberes, selecionam-se as partes que vão constituir-lo, em detrimento de tantas outras. Para Silva (2016), tais escolhas são precedidas de questões que delimitam o perfil dos profissionais que se pretende formar, ou ainda, que ser humano é desejado, para qual sociedade. É pelas lentes do currículo vivido que esta pesquisa se realiza na UNIFASE/RJ, localizada na cidade Petrópolis/RJ. O curso de Psicologia nessa Instituição de Ensino Superior (IES) teve início no primeiro semestre de 2017, e em seu projeto pedagógico encontramos a educação para a cidadania e para os direitos humanos universais, incluindo a sustentabilidade ambiental.

O curso analisado forma bacharéis e licenciados em psicologia, e seu currículo apresenta-se estruturado por competências (conhecimentos, habilidades e atitudes), sendo a periodização curricular do bacharelado organizada em dez



semestres, todos no turno da manhã³. Além das disciplinas de formação básica e complementar ao psicólogo, está presente nessa periodização o Programa Curricular de Educação Ambiental (PCEA) (oferecido nos 2º, 4º, 6º, 8º e 10º semestres do curso), objeto de nosso estudo. As unidades curriculares do PCEA possuem carga horária semestral de trinta horas/aula, em cada um dos períodos mencionados.

A partir do contexto apresentado, no presente estudo analisamos parte do desenvolvimento do PCEA na formação em psicologia da UNIFASE/RJ, e buscamos identificar sentidos de cuidado nas práticas pedagógicas do programa curricular analisado, estabelecendo relações entre Educação Ambiental e as abordagens da formação em psicologia. Partimos da seguinte proposição: a inserção curricular da Educação Ambiental na formação em saúde contribui para o entendimento da indissociabilidade entre ambiente e saúde, tema que discutimos após a apresentação dos resultados.

Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), de acordo com o parecer nº 6.938.427.

2. DIÁLOGOS COM A TEORIA: DIMENSÕES DE CUIDADO

O cuidado de si, na perspectiva foucaultiana, nos convida a reconhecer o verdadeiro *eu*, na medida em que questiona a ética racionalizadora, que nos constitui seres normalizados e disciplinados. A crítica aos limites que nos fazem ser o que somos permite o desenvolvimento de práticas de criação e transformação de nós mesmos, superando determinismos e abrindo espaços para possibilidades e experiências (Silva; Freitas, 2015). A partir da Educação Ambiental, entendemos ser

³ Matriz curricular disponível em: https://irp.cdn-website.com/8a247924/files/uploaded/Matriz_Curricular_Psicologia.pdf.



condição vital na contemporaneidade, que sejamos seres coletivos. Ao nos reconhecermos como parte de coletividades, exercemos alteridade na convivência com todos os seres, humanos e não humanos. Nesse contexto, expandir o cuidado com o outro e com a Terra, é ressignificado a partir de novas experimentações do cuidado de si. Entretanto, o ser humano vem se *esquecendo* de cuidar de si mesmo, o que é marcado, inclusive, pela irrelevância com que a sociedade trata o significado do cuidado consigo. Ora, se não cuidamos de nós mesmos, também não cultivaremos essa visão de cuidar do outro. Ao nos distanciarmos de nós mesmos, ficamos incapacitados de cuidar do outro e de nos voltarmos para o mundo (Galvão, 2014).

Cabe destacar, no entanto, que esse *esquecimento de si* é resultante de uma alienação. Estamos alienados de nós mesmos, pela forma de organização social predominante na atualidade. Muitos humanos e não humanos são reduzidos a produtos / mercadorias em um sistema capitalista. Com a intensificação da globalização neoliberal, deixamos de desejar apenas bens materiais, ambicionamos um consumo virtual e de sensação de bem-estar psíquico, que se configura a partir de uma cultura de superficialidades, de modas, de comunicação cada vez mais rápida, corroborada por uma sensação de falta de tempo e espaço (Mora-Penagos, 2012). Segundo o conceito marxiano, essa alienação possui quatro aspectos: a) o ser humano está alienado da natureza; b) está alienado de si mesmo, vivendo de forma automática, desconectado da própria identidade, desejos, emoções; c) alienado do seu ser, como condição de humanidade; d) está alienado dos demais seres humanos (Mészáros, 2017). Nesse sentido, Bauman (2001) destaca que, diferente da individuação, que é um processo de autossustentação e autoafirmação, a individualização é uma fatalidade da modernidade líquida, ou seja, uma consequência do indivíduo que não tem escolha, que confere um certo ar de *impotência* à liberdade daquele que não se emancipa, devido às condições opressoras impostas pelo sistema/mundo (Silva; Borba; Foppa, 2021).



Um caminho para se aproximar da liberdade⁴ sugerida por Bauman (2001), passa pela possibilidade de emancipação, construindo condições para a individuação⁵, a partir do cuidado de si, o que nos permite fazer uma relação direta com conhecer a si mesmo, “não é possível cuidar de si sem se conhecer” (Foucault, 2004, p. 03). Nessa busca pelo autoconhecimento, podemos apostar na possibilidade de nos reconhecermos enquanto parte da natureza, num movimento de reconciliação conosco, com aquilo que somos. Na medida em que, para a psicologia, somos seres biopsicossociais, o que nós somos tem relação direta também com o outro. Para Foucault (2004) o desenvolvimento da relação com o outro está presente no cuidado de si.

Segundo Galvão (2014), para Foucault o cuidado de si é uma necessidade tanto individual, no sentido da individuação, quanto política, pela busca da emancipação e da liberdade. Se considerarmos a hegemonia do sistema contemporâneo capitalista, extrativista, patriarcal e antropocêntrico, estabelecemos nossas relações com os outros e com o mundo de forma mercadológica e consumista. Por outro lado, a compreensão da dimensão ética do cuidado de si fortalece a superação da lógica de mercantilização da vida e das relações. Na medida em que passamos a adotar o cuidado de si, buscamos sentidos de ser que superem as fragmentações modernas, que gerem encantamento e vivacidade (Figueiroa-Figueiredo; Freire, 2024) assumindo o princípio da integração (Simas; Rufino, 2020) entre todas as formas de vida. A partir daí, podemos confrontar a lógica de poder e dominação, a qual estamos submetidos sem nos darmos conta, na maioria das vezes. Esquecendo-nos de cuidar de nós mesmos, somos levados a adotar outra subjetividade, estilos de vida e formas de nos relacionar. Para o

⁴ Que se contrapõe ao conceito de liberdade do discurso capitalista e neoliberal.

⁵ O individualismo pode ser responsável pelo agravamento de crises e mal-estares de nosso tempo, *desarticulando* os seres humanos e nos distanciando do sentido de coletividade. Por outro lado, a individuação, a busca por um *ser autêntico*, para além da distorção individualista, busca o conhecimento de si, o autocuidado, e ressignifica os sentidos do que lhe é necessário, em favor de uma ética da autenticidade (Marcon, 2018).



campo da Educação Ambiental, podemos dizer que uma reconciliação com o ambiente passa pelo caminho de reconciliação conosco mesmos.

A noção do cuidado de si foucaultiana tem sido abordada em diversos campos da pesquisa, dentre estas, destacamos a perspectiva de “práticas de constituição do sujeito” (Silva; Freitas, 2015, p.221), que tem se consolidado, inclusive, como referência no âmbito das pesquisas emergentes no campo educacional, desenvolvidas na última década. Com isso, podemos dizer que, para o campo pedagógico, e para a Educação Ambiental, em estreito diálogo com a formação de profissionais de saúde, de forma geral, e psicologia⁶, especificamente, o cuidado de si é central no âmago da constituição dos sujeitos e da construção de suas subjetividades, já que estabelece possibilidades de autossustentação e autoafirmação, num processo de individuação (Bauman, 2001).

Ayres (2004) afirma que o cuidado de si pode ser um caminho para a humanização. Na medida em que nos autoconhecemos e nos cuidamos, enquanto indivíduos e humanidade, deixamos de ser objeto e passamos a ser sujeito. Sob a perspectiva da Saúde Coletiva, esse autor, em diálogo com Suely Deslandes (Ayres, 2004), traz a categoria cuidado para o debate em saúde, vislumbrando possibilidades de resgatar práticas orientadas pela emancipação dos sujeitos, garantindo sua autonomia e respeitando suas diversidades.

Para Ayres (2004), dar centralidade ao sujeito passa por uma boa relação entre profissional de saúde e paciente, dar ouvido às subjetividades, criar um ambiente acolhedor e tratar todos os indivíduos com delicadeza e respeito, deve ser inerente à condição estabelecida no cuidado em saúde. Entretanto, o autor enfatiza que essas ações não devem se limitar em si mesmas, nesse processo é preciso reconhecer a humanidade do outro, ou seja, os profissionais de saúde devem estar

⁶ Silva e Freitas (2015) afirmam que a psicologia lidera o número de pesquisas que retomam o cuidado de si no campo pedagógico.



aptos a se despirem de seus preconceitos, para que sejam capazes de escutar e enxergar a produção de conhecimento e a complexidade do pensamento que residem nas diversidades e singularidades, abrindo espaço, inclusive, para o questionamento de suas condutas e práticas profissionais (Valla, 1996).

Nesse contexto, Ayres (2004) resgata a ideia de sujeito que predomina hegemonicamente, que difere do ideal de concepção do sujeito defendido pela reforma Sanitária⁷ (Ayres, 2001). Para o autor, por sermos seres relacionais, deveríamos estar preocupados com a intersubjetividade, que tem a ver com a construção de nossas identidades enquanto indivíduos e grupos. Entender que o que pretendemos tratar como um *sujeito individual* seria impossível, pois, para o autor, por não estarmos sozinhos, somos reflexo de nossas relações, habitando um pouco no outro e sendo habitados pelos encontros. O que faz com que resgatemos a concepção foucaultiana do cuidado de si, ou seja, o autoconhecimento passa pelo reconhecimento dessas intersubjetividades (Ayres, 2001).

Nesse sentido, precisamos entender que as práticas de cuidado em saúde, ou antes, a formação profissional em saúde, está carregada de ideais preconcebidos que, muitas vezes, diferem dos propostos pela reforma sanitária (Menicucci, 2014). Ao defender a autonomia dos sujeitos por seus processos de saúde, sem as devidas reflexões sobre as intersubjetividades presentes, baseados numa concepção hegemônica e, possivelmente, equivocada de autonomia e de sujeito, corremos o risco de o transformar em objeto, deixando escapar possibilidades de fortalecimento de identidades e grupos.

As barreiras que travam a humanização precisam ser problematizadas, uma vez que estão cristalizadas culturalmente e são reproduzidas, hegemonicamente,

⁷ Visando superar o subjetivismo, Ayres (2001, p.65) traz a definição de sujeito como um ser real, “responsável pelo seu próprio devir”. Podendo se estabelecer um diálogo com o Sujeito da Práxis e o Sujeito da Antítese (Paim, 2017). Segundo Paim (2017), em diálogo com o que defende a Reforma Sanitária Brasileira. Nesse contexto, Ayres (2001) define que a construção hegemônica de sujeito se afasta dos ideais propostos, colocando o sujeito em um lugar de passividade, que se distancia da emancipação e da autonomia, portanto, da liberdade.



na formação profissional em saúde, que segue um modelo biomédico, tecnicista e instrumental. A reprodução de um padrão positivista, dicotomiza saúde e doença, corpo e partes adoecidas, ser humano e ambiente, sociedade e natureza. Essa compartimentalização favorece uma concepção individualizante, que desvirtua o cuidado, hierarquiza saberes e menospreza a autonomia dos sujeitos. Resgatar o cuidado significa entender que “cuidar é mais do que construir um objeto e intervir sobre ele” (Ayres, 2001, p. 71), prática hegemonicamente difundida na formação profissional em saúde. A atitude de cuidar não pode ser subordinada a uma parcela da prática de saúde, trefista e limitada em si mesma.

E o que seria o cuidado na relação com o ambiente? O cuidado com a terra implica reconhecer-nos enquanto um *ser-no-mundo-com-os-outros*, para isso devemos resgatar nossa essência, uma vez que, segundo Boff (2014) o ser humano é um ser de cuidado. Ratto, Hening e Andreola (2017) enfatizam a discussão de uma ética do cuidado planetário, tomando o cuidado como categoria ontológica capaz de nos reconectar com a Terra. Para os autores, a Educação Ambiental tem a responsabilidade de agenciar uma práxis que favoreça o sentido de coletividade e ação política, portanto, contrária ao individualismo contemporâneo. “Uma ética do cuidado planetário implica diretamente assumir-se como parte inextorquível do próprio mundo, da própria Terra, e reconhecer-se nela, visceralmente” (Ratto, Hening e Andreola, 2017, p. 1030).

Diante disso, entendemos ser o cuidado uma categoria central no trabalho com Educação Ambiental na formação superior em psicologia, a partir da qual podemos entender as faces da crise socioambiental civilizatória e reorientar nosso modo de ser e habitar o mundo. Entendendo que *ser-no-mundo-com-os-outros* passa por *modo-de-ser-cuidado*. Com isso, Boff (2014) nos orienta à lógica da interação, mais do que a da intervenção, seja no cuidado em saúde ou com a natureza, nos convidando a refletir sobre nossas relações.



Pensar e praticar a Educação Ambiental na formação em psicologia, em um curso inserido na ordem mundial do sistema capitalista, enquanto modelo hegemônico ocidental, baseado na fragmentação cartesiana entre cultura e natureza, pode levar à adoção de propostas simplistas e salvacionistas em relação ao meio ambiente (Sá; Romano; Toschi, 2015). Essa visão antropocêntrica pode direcionar o cuidado para uma relação verticalizada, colocando o ser humano na posição de salvador da natureza. Portanto, apontamos, nesta pesquisa, para a relevância da intencionalidade de horizontalidade no cuidado, tanto para a Educação Ambiental quanto para a Educação em Saúde, nos processos que investigamos sobre as práticas de Educação Ambiental na psicologia.

3. PASSOS METODOLÓGICOS

O caso específico estudado decorre da inserção profissional do primeiro autor como docente no Programa Curricular de Educação Ambiental e é parte de uma tese de doutorado. Apresentamos um recorte do estudo em andamento, a partir de um Estudo de Caso Único (Yin, 2003). No contexto teórico-metodológico do estudo de caso, a posição de se encontrar em meio ao seu objeto de estudo pode trazer vantagens, já que essa proposta permite ao investigador permanecer no campo por longo tempo, além de possibilitar o acompanhamento e relato de bastidores (Yin, 2003).

Foram analisadas as produções textuais de estudantes ao longo das unidades curriculares do Programa Curricular de Educação Ambiental I, III e V. Os textos eram parte das atividades pedagógicas das unidades curriculares e foram produzidos ao longo do percurso dos estudantes, a cada semestre, nos anos de 2020 a 2024. Os textos produzidos partiram das atividades específicas, apresentadas no Quadro 1. O *corpus* do estudo foi composto por três trabalhos (um de cada unidade curricular) de cinco estudantes, totalizando quinze textos.



Quadro 1 - Atividades geradoras do *corpus* da pesquisa durante as práticas do PCEA I, III e V

| Unidade Curricular | Temas abordados | Data da atividade | Nome da Atividade | Descrição da atividade | Número de participantes da pesquisa* |
|---|---|-------------------|-------------------|---|--------------------------------------|
| Programa Curricular de Educação Ambiental I | Relações de cuidado; Educação Ambiental e Direitos Humanos; Pensamento sustentável e economia global. | 06/200 | "Aonde Estou?" | <i>Esta é uma tarefa autorreflexiva onde o objetivo é situar o estudante no mundo. Aonde dá ideia de movimento, logo, não é um lugar físico, portanto deve ser pensado reflexivamente qual o seu papel no mundo, qual a sua importância para este mundo, quais as suas pretensões, suas expectativas, suas relações com o outro, com a natureza.</i> | 5 |
| Programa Curricular de Educação Ambiental III | Território e territorialização em saúde; determinantes sociais e ambientais em saúde | 06/2022 | Relatório Final | <i>Façam um relatório final contemplando as questões abordadas neste período. Como você enxerga o trabalho multiprofissional e interdisciplinar na Atenção Primária em Saúde (APS)? A partir do olhar da psicologia na APS, descreva as possíveis formas de atuação profissional neste campo. É importante correlacionar a atividade com os materiais disponíveis, desta forma, dialoguem com a vulnerabilidade social e ambiental no contexto territorial de "Heranças Sociais" de condições de saúde, vida e moradia.</i> | 5 |
| Programa Curricular de Educação Ambiental V | Educação ambiental, psicologia e promoção de saúde; Raça, Etnia, Gênero/Sexualidade; Ambiente. | 06/2024 | "Aonde Estou?" | <i>Lembram da primeira atividade que tivemos, ainda no segundo período (PCEA-I)? Esta atividade "Aonde Estou", é crítica, reflexiva e propõe autoconhecimento. Aonde vocês estão agora? Psicólogos e Psicólogas! Como foi este movimento, até aqui? Para onde pretendem ir? Aonde estão?</i> | 5 |
| Total | | | | | 15 |

Fonte: elaborado pelos autores, a partir da pesquisa de campo (2024)

* Os critérios de inclusão na pesquisa foram: consentimento, participação em todos os trabalhos dos semestres analisados, anos de oferta da unidade curricular em que os dados foram coletados, vínculo formal com a IES.

Adotamos os passos metodológicos da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977) para a realização das análises, a fim de caracterizar os conteúdos enunciados. A Análise de Conteúdo se organiza em três fases: (i) pré-análise; (ii) exploração do material e (iii) tratamento dos resultados (inferência e interpretação). No contexto do nosso trabalho, no processo de pré-análise e exploração do material foram definidos



nome fictícios: Arara, Bem-te-vi, Papagaio, Pica-Pau e Sabiá, bem como definimos códigos para cada fragmento textual (PCEA I, PCEA II e PCEA III – Referente às etapas do PCEA). No processo de inferência e interpretação, consideramos os elementos dêiticos no texto, uma vez que são elementos linguísticos que identificam o tempo, o espaço e a pessoa na enunciação. Após, construímos os significados a partir das noções de cuidado que foram emergindo nos trabalhos realizados, em diálogo com as dimensões *eu*, *outro* e *mundo*, conforme preconizam Sauv e e Orellana (2006), e segundo esquematizado por Motin (2019), na Figura 1.

Figura 1 – Esquema das dimensões “eu”, “outro” e “mundo”



Fonte: adaptada de Motin (2019, p.141)

4. RESULTADOS

Os textos gerados foram entregues digitados e, para fins de análise, foram inseridos números de linhas. As atividades *Aonde Estou?* variaram entre 09 e 60 números de linhas, enquanto o *Relatório Final* variou entre 54 e 72 linhas.

O Quadro 2 apresenta os resultados da Análise de Conteúdos sobre os sentidos de cuidado, construído pelos estudantes ao longo do curso, interpretados

e inferidos na presente pesquisa. Apesar de o referencial adotado mencionar no modelo a palavra mundo, Sauv e e Orellana t em trabalhos que usam o termo grego *Oikos* – casa ou família; optamos por usar Terra em alusão   corrente pachamamista que se refere ao planeta no feminino (Madre Tierra).

Quadro 2 - Análise de Conteúdo sobre os sentidos de cuidado em textos produzidos ao longo do curso de psicologia da UNIFASE/RJ entre os anos 2020 e 2024

| Dimensões de cuidado | Unidades de ideias | Exemplos de Fragmentos textuais | N  de unidades de ideias por texto |
|----------------------|----------------------------|--|------------------------------------|
| Cuidado de si | Autocuidado | “[...] estou em um encontro profundo comigo mesma [...]estou em um mergulho profundo do meu ser , do meu existir e do meu caminhar [...]estou no que faz sentido para mim , [...]” (Papagaio, PCEA V) | 7 |
| | Afeto e Amor | “[...] rede de apoio que foi se formando e constantemente se atualizando deixou um tanto quanto mais suportável [...]” (Bem-te-vi, PCEA V). | 2 |
| Cuidado com o outro | Prote o | “[...]  preciso buscar conhecer a sua realidade de vida concreta, as rela es que estabelece, suas vulnerabilidades sociais , as condi es do ambiente em que habita [...]” (Pica-pau, PCEA III) | 3 |
| | Cuidado com o outro humano | “[...] a fim de que se possa oferecer   popula o um cuidado que não   fragmentado em elementos isolados, [...]” (Pica-pau, PCEA III) | 9 |
| | Cuidados com a saúde | “[...]passamos a reconhecer questões de saúde [...] boa alimenta o, exercício físico fazendo liga o a uma boa e saudável saúde mental [...]” (Arara, PCEA III) | 8 |
| | Atua o profissional | “[...] tal forma de trabalho seja cada vez mais aprimorada para um melhor e satisfatório atendimento [...] tendo em vista as variadas formas de atua o que um psicólogo pode ter [...]” (Sabiá, PCEA III.) | 14 |
| | Afeto e Amor com o outro | “[...] acreditar que com respeito, luta, afeto [...] rela es mais afetuosas e tranquilas com os meus familiares [...]” (Papagaio, PCEA I) | 5 |
| Cuidado com a Terra* | Cuidado ambiental | “[...]pensarmos um mundo melhor [...] sem lucro em cima de mortes e desastres “naturais” [...]” (Papagaio, PCEA I) | 2 |
| | Responsabilidade política | “[...]na luta por uma sociedade anticapitalista [...] eu esteja contra o fascismo e contra as atrocidades ” (Papagaio, PCEA I) | 6 |

Fonte: elaborado pelos autores, a partir da pesquisa de campo (2024)

A seguir descrevemos os significados de cada dimensão a partir das análises.



4.1 O cuidado de si

O cuidado de si esteve presente nos textos de todos os participantes (Arara, Bem-te-vi, Papagaio, Pica-pau e Sabiá) e foi significado a partir das relações estabelecidas com o processo de autoconhecimento, com o descobrir-se, com o estranhar-se, ter *medo* de si, de um completo encontro com o seu *eu*. Enquanto Arara, ao caracterizar aonde está, afirma o processo de busca ao seu *eu*, Papagaio reconhece seu processo de autoconhecimento ao final do curso, e Pica-Pau descreve, em seus textos, aspectos que caracterizam o estranhamento de si e apreensão de um conhecimento profundo de si. Nesse sentido, podemos dizer que transparece uma tensão do participante Pica-Pau com a reconciliação consigo? Outra pergunta que se desdobra: se uma reconciliação com o ambiente passa pelo caminho de reconciliação consigo mesmo, estamos, enquanto sociedade, nos alienando de nós mesmos e cada vez mais nos distanciando do nosso pertencimento ao ambiente/natureza?

Foram observadas menções ao cuidado pessoal, saúde, bem-estar físico e mental – percepção de cuidado voltada ao autodesenvolvimento. Questões e dilemas éticos explícitos não foram mencionados. Em termos de afetos, o cuidado de si foi significado na experiência coletiva, que permite ao indivíduo se entender no mundo, convivendo com outros seres, humanos e não humanos. Observamos, também, que menções ao autocuidado foram significadas pelo reconhecimento do luto, da despedida na relação com a própria jornada de formação profissional que se *finda* em termos de um percurso acadêmico na graduação.

Os sentidos de autocuidado mencionados passaram pelas experiências (Steil; Carvalho, 2014) que foram vivenciadas ao longo do curso, caracterizando possibilidades de conhecimento do mundo a partir do aspecto vivencial. Em diálogo com as epistemologias ecológicas para conhecer, “é necessário estar imerso na matéria e no mundo através do engajamento contínuo no ambiente” (Steil; Carvalho, 2014, p.164). Os textos analisados valorizaram lugares epistêmicos que consideram



as subjetividades nos processos educativos. A análise realizada permite estabelecer diálogos potentes com determinadas correntes da Educação Ambiental que se orientam por bases culturais e pressupostos epistêmicos diferentes daqueles hegemônicos no ocidente (Andrade, 2024), que valorizam o cartesiano e o cognitivo. Embora o cuidado de si, já fosse uma categoria mencionada por Sauv e e Orellana (2006), no Brasil tem sido pouco enfatizada na Educa o Ambiental. Assim, a dimensão do cuidado significada ao longo do curso de psicologia aposta na/corroborar a virada epist mica da Educa o Ambiental (Andrade, 2024).

O cuidado de si permite, no campo educativo, posicionar-se ou reconhecer-se como sujeito no mundo. Alguns textos apresentaram posicionamentos de sujeitos mais passivos (exemplo: Arara), diante dos dilemas e questões da profissão, da família e dos desafios socioambientais, frente às vulnerabilidades, enquanto outros, mais ativos (exemplo: Bem-te-vi, Papagaio, Sabiá) ou, por vezes, alternando, dependendo do texto analisado (exemplo: Pica-pau).

4.2 O cuidado do/com o outro

O cuidado com o outro foi o mais frequente nos textos analisados. Esteve mencionado nos textos de todos os participantes, ainda que com ênfases distintas. Foi significado a partir das referências ao cuidado com os outros humanos (o cuidado com o outro não humano teve apenas uma ocorrência), nos contextos individual ou coletivo, com familiares, amigos e comunidades, demonstrando busca e ou reafirma o de pertencimento, empatia e escuta. A saúde se apresentou como unidade de ideia na rela o com o outro humano. Foram percebidas men es   saúde mental e física, cuidados terapêuticos, cura integral no exercício e promo o do cuidado como prática de bem-estar e qualidade de vida. Também, foram mencionadas vivências do curso e/ou proje es de atua o profissional, presentificadas nas constru es de texto, enfatizando o cuidado como uma prática



profissional. Lugares de atuação profissional foram caracterizados em ampla visão de atuação: consultório, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), comunidade ribeirinha, Centros de Saúde, Sistema Único de Saúde (SUS) etc.

Enquanto Arara se colocou em uma posição de passividade, como depreendemos a partir do fragmento a seguir: “perante o mundo sou mais um dos que *esperam* poder fazer mais, fazer mais pelos outros” (Arara, PCEA I, 2020, grifo nosso), Pica-pau se posiciona de forma ativa, buscando conhecer os sujeitos em toda a sua complexidade, a partir de suas relações com outros indivíduos e com o território onde habita. Nesse sentido, os textos apresentam diversidade de entendimento do outro e do cuidado com o outro. Alguns se colocam em posição de espera (Arara), outros apresentam propostas de cuidado com o outro (Pica-pau), porém com uma perspectiva individual sobre o outro. Há, ainda, os que entendem o outro a partir de um ponto de vista coletivo “questões são abordadas *coletivamente*, favorecendo a *participação popular*” (Bem-te-vi, PCEA III, 2022, grifo nosso), incluindo, nessa perspectiva coletiva, o cuidado com o outro não humano “carregar peso extra na bolsa em dias quentes para ter água a oferecer aos *animais de rua*” (Bem-te-vi, PCEA V, 2024, grifo nosso).

Caracterizar os sentidos de cuidado como parte das estratégias pedagógicas de Educação Ambiental, no curso de psicologia, tem potencialidades político-sociais na formação em saúde, uma vez que busca ampliar a formação profissional, considerando as demandas sociais e os desafios socioambientais das/nas sociedades contemporâneas. Que sentidos de cuidado com o outro buscamos na formação desses profissionais, a partir de ideários de construção alternativos e estratégias individuais e coletivas para enfrentar o colapso ambiental? Os textos analisados mencionaram as determinações sociais de saúde no cuidado com outro, a partir de considerações à ética da atuação profissional, conforme preconiza o terceiro princípio fundamental do código de ética do psicólogo: “O psicólogo atuará



com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural” (CFP, 2005).

Minayo (2006) aponta para a necessidade de novas formas de se buscar um equilíbrio entre a saúde do ecossistema e das pessoas, uma vez que o modelo biomédico apresenta limitações na geração de bem-estar e condições de vida da população mais pobre. Da mesma forma, a autora critica o reducionismo da visão puramente social, apartada da perspectiva ecológica, ambiental, cultural e política, estruturantes da sociedade. A inserção da Educação Ambiental na formação do profissional de saúde pode ser uma estratégia capaz de acrescentar novas possibilidades de atenção ao bem-estar da população. Articular o cuidado com o outro a partir do diálogo com questões de ordem social, ambiental, política e econômica está presente em diferentes abordagens da Educação Ambiental (Andrade, 2024).

4.3 O cuidado com a Terra

O cuidado com a Terra esteve presente nos textos de Papagaio, Sabiá e Pica-pau. Foi significado a partir de duas escalas: uma planetária e ambiental *stricto sensu* (menos observada nos textos) e outra societal, que faz referências à sociedade ocidental capitalista, extrativista. Ao mesmo tempo que se considera o ser humano como cidadão/cidadã planetário/a, é o vínculo com os territórios que nutrirá novas formas de organização da vida. A escala societal poderia ser considerada intermediária entre o local e o global, na qual os sujeitos atuariam no exercício da profissão. Nesse sentido, entendemos como unidades de ideia referências no texto à responsabilidade política, em perspectivas individuais e/ou coletivas e menções de ação de proteção. Emergiram significados de cuidado como proteção contra riscos, perigos e ameaça à integridade do planeta e das pessoas. Os textos apresentaram reflexões voltadas para as condições de vida e habitação



da população - visão protetora. Papagaio atenta para a superação da sociedade capitalista para a promoção da vida mais justa no planeta, e considera a sua atuação para a resistência e defesa de direitos humanos, superação das desigualdades sociais. Posiciona-se ativamente ao enfatizar sua luta por mudanças sociais, resistência política e engajamento com o coletivo. O cuidado aparece, nos textos de Papagaio, como a própria condição da existência humana (Ratto; Henning; Andreola, 2017), onde mundo e humano já não se opõem como dualidade. O mundo se realiza no humano na forma do cuidado, capaz de dar forma à existência e sentido ao próprio mundo. Seus textos possuem vieses críticos e reflexivos, enunciando questões de ordem política, denunciando desigualdades sociais e a precarização das condições de vida e saúde. Suas escolhas pessoais se conectam com os valores de cuidado e transformação pessoal/social.

As perspectivas de cuidado que emergem dos textos de Sabiá e Pica-pau apontam para perspectivas mais individuais de enfrentamento da crise, ainda que haja nos textos de ambos os posicionamentos ativos no reconhecimento da agência dos sujeitos nas ações de enfrentamento da crise, recuperando sua força como ser-no-mundo (Ratto; Henning; Andreola, 2017). Apesar de reconhecer momentos de passividade no passado (identificados pelas expressões utilizadas, tais como: *falta de coragem, falta de ânimo*), Pica-pau se posiciona como agente do próprio futuro.

Os textos mencionaram contextos e ações de cuidado com a Terra: a pandemia que nos assolou, a reciclagem como proposta e os processos de exclusão e desigualdades como *covardia* do sistema de sociedade. Também, explicitaram críticas ao sistema/mundo capitalista, indicando a necessidade de superar a lógica imperialista hegemônica, responsável por gerar e intensificar a crise ambiental e social. De certa forma, não observamos, nos textos, enunciados que trouxessem o cuidado planetário na relação com a conservação da sociobiodiversidade.



A Educação Ambiental está desafiada a construir práticas nas quais os indivíduos transbordem, sendo capazes de se reconectar com certas dimensões subjetivas esquecidas, ou não valorizadas, do cuidado, que equivale a potencializar o ser mais, a construção do inédito viável (Freire, 2014) na relação consigo, com os outros e com o planeta. Reconhecer que o que nos parece a realidade única é uma rede complexa de trajetórias humanas e não humanas, de experiências incorporadas e relações afetivas (Clarke; Mcphie, 2016.). Essa condição inédita e relacional do mundo amplia as fronteiras de cuidado entre o *eu* e o *outro* e, centrando-se nos fluxos generativos (Carvalho, 2014), abre possibilidades para outras formas de habitar e conviver no planeta.

5. DISCUSSÃO: DIÁLOGO COM OS PRESSUPOSTOS DO ESTUDO

A inserção curricular da Educação Ambiental na formação em saúde, contribui para o entendimento da indissociabilidade entre ambiente e saúde

Por encontrarmos na psicologia um campo em estreita relação com a dimensão cuidado, entendemos que esse conceito evidencia, no estudo das relações humanas, as necessidades de interagirmos de forma ambientalmente saudável. Com isso, se apresenta a importância de superação do distanciamento entre teoria e prática, introduzindo na formação e na prática profissional questões filosóficas e epistemológicas (Freire; Rodrigues, 2020), em estreito diálogo com cuidado de si, com outro e com a Terra.

Entendemos que, integrar aspectos ambientais na formação pode permitir que profissionais da saúde tenham uma atuação mais abrangente, incluindo a prevenção do adoecimento, a promoção de ambientes *saudáveis* e a resistência e mitigação dos impactos das mudanças climáticas sobre as populações em situações de vulnerabilidade. Nessa perspectiva, analisamos a inserção da categoria cuidado no âmbito de um Programa Curricular de Educação Ambiental, na formação do(a)



psicólogo(a), corroborando as afirmações de Carvalho, Bosi e Freire (2008) que entendem o cuidado no cerne da prática profissional do(a) psicólogo(a).

Dentre os campos de prática da psicologia, consideramos aqui a sua aproximação ou identificação com a dimensão do cuidado para atuação no setor da saúde. Por entendermos que o cuidado possui dimensão ontológica, presente no princípio da própria existência humana (Boff, 2014), abrangendo aspectos de relevância para a saúde, como interação, não causalidade e responsabilidade, (Carvalho *et al.*, 2015), essa dimensão deve ser inerente à prática profissional.

Buscando superar a lógica biomédica, que ao trazer a discussão ambiental para o campo da saúde, muitas vezes, se limita à tríade *agente-vetor-hospedeiro* (Minayo, 2006), o PCEA busca trazer para essa arena questões sociais e ambientais, que se relacionam com a forma de produção e exploração capitalista sobre o ser humano e a natureza, com consequências danosas para a saúde individual e coletiva.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que os sentidos de cuidado relacionados ao *cuidado com o outro* no exercício da profissão e na relação com a saúde foram centrais nas construções textuais dos estudantes participantes do estudo. Esses resultados nos indicam especificidades da Educação Ambiental que contribuem com áreas do conhecimento, como a psicologia. Pela dimensão do cuidado de si, com o outro, com o meio e com as relações, de forma geral, o PCEA aposta na reconciliação do ser humano com a natureza e busca, de forma dialógica, essa aproximação, por meio metodologias ativas, encontros com atores sociais no/do território ao qual o curso está inserido/é parte, vídeos, rodas de conversa, intervenções e construções coletivas. Esse aspecto metodológico permite que o currículo vivido também seja experiencial, afetando aos sujeitos que o vivenciam.



Por meio das narrativas e textos analisados, identificamos menções às metodologias utilizadas no PCEA, e suas contribuições para o entendimento da centralidade do cuidado de si, na constituição dos sujeitos e na construção de suas subjetividades. Consideramos fundamental, para a formação e atuação em psicologia, dar centralidade ao cuidado de si, para a escuta qualificada, a desobjetificação dos sujeitos e a reconexão com a humanidade e com a terra. Nesse sentido, entendemos que o cuidar de si está no âmago do cuidado com o outro e com a terra, reorientando nossa atuação no mundo, enquanto indivíduos e sociedade.

Desdobramentos do estudo estão em andamento, no sentido de compreender aspectos longitudinais relativos aos sujeitos participantes. Os estudos sobre as macrotendências (Layrargues; Lima, 2014) e tipologias (Andrade, 2024) da Educação Ambiental nos orienta no entendimento sobre as contribuições epistemológicas desse campo para a formação em psicologia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, D. F. Conservacionista, pragmática, crítica, pós-crítica e decolonial: itinerários epistêmicos da educação ambiental pelas dimensões do pensamento. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 30, e24047, 2024. DOI: [10.1590/1516-731320240047](https://doi.org/10.1590/1516-731320240047). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/hx44k5f3BpCHm87LqSBFHHw/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

AYRES, J. R. C. M. Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 63-72, 2001.

AYRES, J. R. C. M. Humanização da assistência hospitalar e o cuidado como categoria reconstrutiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 15-29, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.



BOFF, L. **Saber cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra.** 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRASIL. **Lei nº 9.795**, de 27 de abril de 1999. Regulamentada pelo Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 1999. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acesso em: 23 fev. 2025.

BRASIL. **Resolução nº 2**, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília: MEC, 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp002_12.pdf. Acesso em: 23 fev. 2025.

CARVALHO, I. C. M. A perspectiva das pedras: considerações sobre os novos materialismos e as epistemologias ecológicas. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio Claro, v. 9, n. 1, p. 69-79, 2014.

CARVALHO, L. B.; BOSI, M. L. M.; FREIRE, J. C. Dimensão ética do cuidado em saúde mental na rede pública de serviços. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 700–706, mar. 2008.

CARVALHO, L. B. *et al.* A Ética do Cuidado e o Encontro com o Outro no Contexto de uma Clínica-Escola em Fortaleza. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, Goiânia, v. 21, p. 3–12, jun. 2015.

CLARKE, D.; MCPHIE, J. From places to paths: Learning for sustainability, teacher education and a philosophy of becoming. **Environmental Education Research**, London, v. 22, n. 7, p. 1002-1024, 2016.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução CFP nº 10**, de 21 de julho de 2005. Estabelece o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília: CFP, 2005. Disponível em: <https://www.cfp.org.br>. Acesso em: 12 jan. 2025.

FIGUEROA-FIGUEIREDO, T.; ANDRADE, D. F.; FREIRE, L. Espaços de resistência no currículo: uma análise da inserção da educação ambiental nos cursos de graduação de uma universidade federal. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, São Cristóvão, v. 7, n. 1, p. 1-16, 2020.

FIGUEROA-FIGUEIREDO, T.; FREIRE, L.M.; Relações entre Desencantamento, Vivacidade e Sustentabilidade: o que Pensam os Estudantes de Ciências Biológicas? **Revista Bio-grafia. Escritos sobre la Biología y su enseñanza.** ISSN 2619-3531. Año 2024; Número Extraordinario. Memorias XII Congreso



Latinoamericano de Enseñanza de la Biología y la Educación Ambiental. Bogotá, 25, 26 Y 27 de septiembre 2024.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. *In: Ditos e escritos V* - ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREIRE, A. M. A. Notas explicativas. *In: FREIRE, P. (org.). Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 273-333.

FREIRE, L.M.; RODRIGUES, C. Formação de professores e educadores ambientais: diálogos generativos para a práxis. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio Claro, v. 15, n. 1, 2020. DOI: [10.18675/2177-580X.2020-14666](https://doi.org/10.18675/2177-580X.2020-14666).

Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/14666/11640>. Acesso em: 23 fev. 2025.

GALVÃO, B. A. A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética da existência. **Intuitio**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 157-168, 2014.

JULIANI, S. de F.; FREIRE, L. M. Representações Discursivas de Educação Ambiental: uma Análise no Âmbito da Extensão Universitária. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 35–60, 2016.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. da C. As Macrotendências Político-Pedagógicas da Educação Ambiental Brasileira. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 23-40, jan. mar. 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/asoc/a/8FP6nynhjdZ4hYdqVFdYRtx/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 23 fev. 2025.

LIMA, G. F. C.; TORRES, M. B. R. Uma educação para o fim do mundo? Os desafios socioambientais contemporâneos e o papel da Educação Ambiental em contextos escolarizados. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, p. 1-20, 2021.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/mHtMQ5TBWkV8yd9fJ4kFW6K/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 23 fev. 2025.

MARCON, G. H. Do individualismo à individuação: a ética da autenticidade a partir da perspectiva gestáltica. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 10, n. 1, p. 235-255, 2018.



Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912018000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 mar. 2024.

MENICUCCI, T. M. G. História da reforma sanitária brasileira e do Sistema Único de Saúde: mudanças, continuidades e a agenda atual. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 77–92, jan. 2014.

MÉSZÁROS, I. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

MINAYO, M. C. S. Saúde e ambiente: uma relação necessária. *In*: MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. (orgs.). **Tratado de Saúde Coletiva**. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 81-10.

MORA-PENAGOS, W. M. Ambientalización curricular en la educación superior: un estudio cualitativo de las ideas del profesorado. **Profesorado**. Revista de currículum y formación de profesorado, Granada, v. 16, n. 2, p. 77-103, 2012.

MOTIN, S. D. **Educação ambiental à luz da transdisciplinaridade e da complexidade na formação inicial docente**: uma proposta de indicadores. 2019. 330 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Escola de Educação e Humanidades, Curitiba, 2019.

PAIM, J. S. Sujeitos da antítese e os desafios da práxis da Reforma Sanitária Brasileira. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 41, n. especial 3, p. 255-264, set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/QdQmFPJm9pbydwxN89GyTJL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 fev. 2025.

RATTO, C. G.; HENNING, P. C.; ANDREOLA, B. A. Educação Ambiental e suas Urgências: a constituição de uma ética planetária. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, p. 1019-1034, 2017.

SÁ, M. A. P.; ROMANO, C. A.; TOSCHI, M. S. Educação ambiental além do meio ambiente: considerações sobre relações sociopolíticas nos modelos de ensino. **Revista Sapiência**, Anápolis, v. 4, n. 2, p. 50-62, 2015.

SAUVÉ, L.; ORELLANA, I. A formação continuada de professores em educação ambiental: a proposta do EDAMAZ. *In*: SANTOS, J. E.; SATO, M. **A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora**. 3. ed. São Paulo: Rima, 2006. p. 273-287.



SILVA, N. M. A.; FREITAS, A. S. A ética do cuidado de si no campo pedagógico brasileiro: modos de uso, ressonâncias e desafios. **Pro-Posições**, Campinas, v. 26, p. 217-233, 2015.

SILVA, R. O.; BORBA, C. A.; FOPPA, C. C. O sistema/mundo colonial/moderno e a natureza: reflexões preliminares. **Revista Videre**, Dourados, v. 13, n. 26, p. 138 – 169, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/videre/article/view/12939>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. de M. Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 163-183, 2014.

UNIFASE. Histórico. FMP/FASE. Disponível em: <https://fmpfase.edu.br/univ/historico.aspx>. Acesso em: 31 maio 2022a.

UNIFASE. Psicologia. FMP/FASE. Disponível em: <https://fmpfase.edu.br/univ/psicologia/#>. Acesso em: 3 jun. 2022b.

VALLA, V. V. A crise da interpretação é nossa: procurando entender a fala das classes subalternas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 177-190, jul./dez. 1996.

YIN, R. K. **Estudo de caso**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

